Parla!

PORCELANA CHINESA

CONTEXTO HISTÓRICO DA PRODUÇÃO DE PORCELANAS

Já há muitos séculos, cerâmicas produzidas no antigo império chinês são altamente desejadas como artigos de luxo, sejam dentro do próprio território chinês, ou fora dele. No século IX, mercadores árabes navegavam até o Mar do Sul da China, a fim de adquirir produtos chineses para o comércio: peças de ouro, espelhos de bronze, lingotes de prata, produtos têxteis e, além de tudo, cerâmicas. Embora a demanda fosse alta já nesse período, foi a partir do século XIV que as porcelanas brancas e azuis, comumente associadas com a cultura chinesa, alcançaram todos os cantos do planeta. O crescimento da demanda sobre esse produto impactou a produção de cerâmica chinesa até o século XIX (GERRITSEN, 2020).

O centro produtor de porcelanas na China ficava na cidade de Jingdezhen (Fig. 1), na província de Jiangxi. Conhecida como a capital da porcelana chinesa, Jingdezhen possui uma geografia privilegiada. A cidade fica às margens do rio Chang, que fornece transporte fluvial para todas as direções. Para o norte, sobe-se para as montanhas de Jiangxi, de onde se extraiam os materiais para a produção de esmaltes para cerâmica. Seguindo o curso do rio chega-se até o lago Poyang e aos demais centros comerciais da província. E a partir do lago Poyang pode-se acessar o grande rio Yangzi, a principal

Figura 1
Oficina de pintura em porcelana de Jingdezhen
julho de 2014
(TANG, 2017, p. 70)

artéria fluvial chinesa, e que ligaria Jingdezhen aos principais portos e centros urbanos da China, como Xangai. Além disso, a passagem pelo lago Poyang dá a Jingdezhen acesso aos entrepostos europeus perto da província de Guangzhou (GERRITSEN, 2020).

A produção de Jingdezhen abastecia facilmente tanto o mercado interno, quanto o externo. A reputação dessas porcelanas ganhou abrangência a partir do século XI, quando o imperador Zhenzong (Fig. 2), o terceiro da dinastia Song (960-1279), instituiu que as porcelanas de Jingdezhen seriam as oficiais da corte chinesa. A partir de então, esses produtos passaram a circular com mais frequência, também impulsionados pela qualidade de seu esmalte translúcido. Desde o fim do século XIII e o início do século XIV, as oficinas de Jingdezhen passaram a utilizar o azul de cobalto em seus acabamentos. Nesse momento, as chamadas "porcelanas brancas e azuis" alçaram Jingdezhen a centro produtor global de cerâmicas. Os produtos dali passaram a ser cobiçados por todo o mundo (GERRITSEN, 2020).

Em contraste com o Oriente Médio, porcelanas chinesas eram raras na Europa do início da Era Moderna. Enquanto os governantes da Ásia, e do norte da África, exibiam coleções volumosas desse item, as cortes europeias mantinham seus poucos exemplares longe da vista. Consta que Lorenzo de Medici, um dos homens mais ricos da Europa no período, possuía um conjunto de 50 peças. Na verdade, poucas pessoas tinham o poder econômico para adquirir esses itens de alto valor. Tanto que as primeiras peças de porcelana chegaram ao continente europeu no século XIV, a partir de missões diplomáticas chinesas que as presenteavam aos monarcas (GERRITSEN, 2020).

Figura 2
ANÔNIMO
Retrato do Imperador Song Zhenzong
c. século XII
Tinta sobre papel de seda
Taipei: Museu do Palácio Nacional (TW)

Figura 3
Misturando a massa com o auxílio de uma roda d' água (TANG, 2017, p. 59)

Figura 5
ANÔNIMO
Retrato do Imperador Kangxi em trajes oficiais
c. séculos XVI-XVII.
Pintura sobre papel de seda
Beijing: Museu do Palácio – Cidade Proibida (CN).

AS PORCELANAS DA COLEÇÃO EVA KLABIN

Compreende-se o alto valor das porcelanas de Jingdezhen a partir de seu complexo processo de fabricação. Resumidamente, porcelanas são produzidas a partir de caulinita e *baiduzi*, ambas extraídas da natureza em forma de rocha. Elas então são trituradas e lavadas, para a retirada de impurezas, e posteriormente misturadas em determinada proporção. A mistura forma uma massa consistente e maleável (Fig. 3). Essa massa é cortada em tijolos e levadas para uma roda de oleiro, onde são moldadas por um artesão muito experiente. As peças moldadas são colocadas em estantes ao ar livre para secagem, e só depois de secas são polidas, decoradas e vitrificadas (TANG, 2017).

O vidrado cerâmico é preparado a partir de uma mistura de calcário e carbonato de cálcio, e pode ser aplicado à peça por imersão ou por sopramento. O processo obedece a duas etapas, dependendo do tipo de decoração que a peça vá receber. Quanto a pintura fica abaixo do vidrado, como é o caso das porcelanas azuis e brancas, os pintores deveriam cobrir a peça de barro com azul de cobalto antes da aplicação do vidrado. As peças são levadas a um forno, com temperatura entre 1200°C a 1400°C. Nessas altas temperaturas, o vidrado adere à peça e lhe dá um acabamento brilhante e translúcido. Em um outro processo, quando a pintura fica acima do vidrado, a peça deve ser queimada anteriormente à pintura. Depois de fria, recebe a camada de tinta e esmalte, e novamente é levada ao forno, dessa vez em temperatura mais baixa (TANG, 2017).

A CMEK tem o privilégio de exibir, entre os itens de sua coleção oriental, três magníficos exemplares de porcelana esmaltada, datadas entre os séculos XVIII e XIX (Fig. 4). Produzidos no período do imperador Kangxi (r. 1664-1722) da dinastia Qing (Fig. 5), esses vasos monocromáticos, e de altura mediana, eram feitos para colecionadores mais exigentes. Entraram pela primeira vez no mercado europeu no século XVIII, sendo utilizados como vasos ornamentais. Na França, era comum montá-los com pés e alças de bronze dourado, conhecidos como *ormolu* (SULLIVAN, 1973).

A porcelana *Sangue de Boi* (Fig. 4, esq. página seguinte) ficou assim conhecida na Europa por conta de seu acabamento em vermelho, semelhante ao carmesim. A cor é obtida a partir do

Figura 4
VASO SANGUE DE BOI
VASO ESPELHO NEGRO
VASO AZUL CLARO
China Dinastia Qing (1644-1912)
Porcelana esmaltada.
Rio de Janeiro:
Casa Museu Eva Klabin (BR)

sopramento de partículas de cobre, aplicadas de maneira uniforme ao redor da peça, e que vai escorrendo naturalmente até a base. Quando a peça é exposta à alta temperatura do forno, as partículas de cobre aderem ao esmalte, produzindo um efeito brilhante. A cosmologia chinesa indica que a cor vermelha é associada ao ponto cardeal Sul, simbolizado pela fênix, ou *feng-chua* (MIGLIACCIO, 2007). Em chinês, essa porcelana vermelha também é conhecida como *lang-yao*, uma provável referência à família Lang. Consta que um certo Lang Tinji foi governador da província de Jiangxi, entre 1705 e 1712, um dos promotores das manufaturas de porcelana locais (SULLIVAN, 1973).

Da mesma forma, os vasos *Espelho Negro* (Fig. 4, centro) e *Azul Claro* (Fig. 4, dir.) foram produzidos com a mesma técnica utilizada para o *Sangue de Boi*. A cor preta obtém-se a partir da aplicação de uma camada de esmalte verde, à base de cobre, sobre uma cobertura de cobalto. A cor azul, como já destacada, obtém-se a partir da aplicação de azul à base de cobalto. Na cultura chinesa, a cor preta está associada com a honra, com as tradições, e utensílios dessa cor merecem destaque entre as demais porcelanas. O preto também se associa com o Norte e o inverno, na figura de um dragão preto. O azul é a cor atribuída ao céu, e está intimamente ligada ao poder transcendental do imperador chinês. Por esse simbolismo, tornou-se o emblema oficial dos imperadores chineses na figura do dragão *Ao Guang* (Fig. 6 página seguinte), guardião da primavera e do Oeste (TOM, 1989; MIGLIACCIO, 2007).

Figura 6
Bandeira da dinastia Qing
(1644-1911)
Wikimedia Commons

Figura 7
VASO COM ERUDITOS EM
UMA PAISAGEM
China, final do século XVIII
(Dinastia Qing)
Porcelana branca com
azul de cobalto
Nova Iorque: Museu
Metropolitan de Arte (US)

OUTRAS PORCELANAS CHINESAS

O período Kangxi de produção de porcelanas foi, ao mesmo tempo, continuador e inovador de diversas técnicas utilizadas em tempos anteriores. A artesania estabelecida nas oficinas de Jingdezhen, durante as dinastias Song (960–1279) e Ming (1368–1644), marcou o padrão de qualidade com que as porcelanas chinesas são conhecidas até os dias de hoje. Porém, a implantação de novas técnicas manufatureiras, o uso de esmaltes de diversas cores, e o contato comercial com os demais povos, características marcantes da dinastia Qing (1644-1912), ampliou os horizontes da porcelana chinesa (VALENSTEIN, 1989).

O *Vaso com Eruditos em uma Paisagem* (Fig. 7), em exibição no Museu Metropolitan de Nova Iorque, é um belo exemplar da porcelana azul e branca do período Kangxi. Duas figuras humanas caminham ao redor de um riacho, cujo curso é descrito graciosamente, com finos riscos azuis. Percebe-se, à direita dos homens, uma estrutura arquitetônica tradicional dos templos budistas. A paisagem é cercada de rochedos e árvores, e outras estruturas arquitetônicas podem ser observadas pelo entorno da composição. As texturas e contrastes da cena são dados a partir de gradações do tom de azul, dispensado de forma a criar profundidade espacial para a cena (VALENSTEIN, 1989).

As técnicas de pintura desenvolveram-se sobremaneira durante a dinastia Ming, mas alcançaram altíssimo apuro técnico no período Kangxi. Uma dessas técnicas ficou consagrada pela crítica ocidental como *Famille verte*, ou "família verde". Receberam esse nome por conta da variação entre os tons de verde, que eram pintados diretamente na cerâmica. Quando levados ao forno, o resultado era uma paleta de cores brilhante e translúcida. Havia também variantes, com ênfase em tons de amarelo (*Famille jaune*) e preto (*Famille noire*). Na China, essas peças são conhecidas como *yingcai*, ou "cores duras" (VALENSTEIN, 1989).

Duas peças, também do Museu Metropolitan de Nova Iorque, merecem destaque na técnica do *yingcai*. A primeira (Fig. 8) destaca-se pelo fundo amarelo ouro, muito vivo e brilhante. Decorado com flores de crisântemo vermelhas e brancas, e de folhagem verde muito natural, a peça impressiona tanto pela técnica empregada, quanto pelo arranjo dos temas florais. A segunda (Fig. 9), inserida dentro da família dos verdes, apresenta decorações florais e geométricas de alta complexidade. Percebe-se a presença de crisântemos e lótus, além de símbolos iconográficos próprios do budismo.

Figura 8

VASO

China, c. Século XVIII-XIX (Dinastia Qing)

Porcelana em *famille jaune*

Nova Iorque: Museu Metropolitan de Arte (US)

Figura 9

VASO

China, século XIX (Dinastia Qing)

Porcelana em *famille verte*

Nova Iorque: Museu Metropolitan de Arte (US)

Provavelmente feitos com a mesma técnica do *yingcai*, a CMEK exibe um conjunto de sopeira e pratos (Fig. 10) decorados com o motivo de *folha de tabaco*. A paleta de azuis é predominante em todas as peças do conjunto, colorindo as folhas e flores do arranjo. A sopeira possui dois pegadores em forma de cabeça de animal, uma de cada lado, além de um puxador para tampa, no formato de uma romã. Os pratos possuem um tratamento especial em dourado, que contornam as folhas de tabaco em azul. Observa-se também a presença de pássaros com penugem cobreada e diversos arranjos florais, nas cores vermelha, azul e verde.

Figura 10

SOPEIRA E PRATOS DE SOPA (FOLHA DE TABACO)

China, século XVIII (Dinastia Qing)

Porcelana policromada

Rio de Janeiro: Casa Museu Eva Klabin (BR)

BIBLIOGRAFIA

TANG, Hui (Claire). *The Colours of Each Piece: Production and Consumption of Chinese Enamelled Porcelain*, c.1728–c.1780'. Tese de doutorado. Universidade de Warwick, 2017. Disponível em http://wrap.warwick.ac.uk/91791/. Acessado em 30 de novembro de 2020.

GERRITSEN, Anne. *The City of Blue and White: Chinese Porcelain and the Early Modern World*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2020.

MIGLIACCIO, Luciano. *A Coleção Eva Klabin*. Petrópolis: Kapa Editorial, 2007.

SULLIVAN, Michael. *The Arts of China*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1973.

TOM, K.S. *Echoes from Old China: Life, Legends, and Lore of the Middle Kingdom*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1989.

VALENSTEIN, Suzanne G. A handbook of Chinese ceramics. Nova Iorque: Harry N. Abrams Inc., 1989.